



Um projeto que muda vidas



“É



um projeto que muda a vida”, diz a professora Mariana Siqueira, do Centro de Ensino Fundamental 34 (CEF

34) de Ceilândia, em reconhecimento à Fiocruz, por realizar o Fórum Ciência e Sociedade (FCS). O projeto, que teve início em 2002, é uma atividade educativa voltada para os alunos do ensino fundamental e médio da rede pública, com foco em aproximar os jovens da ciência.

No decorrer das atividades, é possível ver a transformação dos estudantes que participam, desde a relação com a ciência ao comportamento na escola. É o caso do aluno Jean Carlos Rodrigues, 14 anos, do 7º ano do CEF 34 e morador da Ceilândia, região administrativa do DF. Antes do Fórum, ele não pensava em estudar e era muito agressivo com os colegas. “O Fórum mudou muito meu comportamento. Antes era 100% bagunça e nada de estudo, mas agora isso mudou. Eu recebia muitas advertências, mas depois que entrei no Fórum, nunca mais fui à direção”, explica. O motivo da mudança do comportamento veio quando souberam que os alunos participantes do Fórum que não tivessem um bom desempenho na escola seriam retirados do projeto.

Já Renan Costa, 14 anos, do 7º ano, também do CEF 34, era apelidado de “Renan de Costas”, pois diziam que ele estava “de costas para vida”. Antes do Fórum, o aluno não estudava, não fazia os deveres de casa, não tinha boas notas e já havia sido reprovado. Mudanças logo foram vistas. O jovem pediu para entrar no projeto, mesmo não tendo ido bem no teste de redação feito para selecionar os alunos que iriam ao Fórum. “O Renan foi muito insistente”, conta a professora Mariana. O entusiasmo veio após ter escutado a descrição do primeiro dia do projeto pelo colega Jean.

As pequenas coisas também fazem a diferença para os estudantes, desde o ônibus com ar condicionado, usado para fazer as visitas de campo, até a



O Fórum Ciência e Sociedade teve início em 2002, aproxima os jovens da ciência e é reconhecido como tecnologia educacional pelo MEC

possibilidade de se servir em um café da manhã oferecido pelo projeto. “Esse projeto é o empoderamento desses meninos que vivem em uma situação difícil, em um núcleo familiar não tão estruturado, de poder perceber algo distante. Tem menino nessa escola que não conhece o Plano Piloto, que não conhece a Esplanada [dos Ministérios]. Parece surreal, mas é a realidade deles”, explica a professora Mariana.

Segundo o mobilizador dos jovens e integrante do projeto, Fernando Gomes da Rocha, o diferencial é ampliar o horizonte, mostrando possibilidades e inserindo os jovens em discussões sobre saúde. Ele diz também que uma das maiores mudanças dos participantes ao decorrer do projeto foi a autoestima. “No início, estavam mais acanhados, mas no final já se sentiam seguros para falar e debater”, explica.

O projeto levou mais de 60 jovens de quatro escolas públicas da Ceilândia - CEF 34, Centro Educacional 07 (CED 07), Incra 09 e o Instituto Federal, para saídas de campo na Estação de tratamento de esgoto e de água e à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Ao longo de quase um semestre, um mundo de descobertas se abriu aos estudantes, dando a oportunidade de conhecerem outros ambientes, vivências e verem o impacto ambiental que as decisões do ser humano causam. Durante as visitas, os alunos puderam ter contato com um microscópio pela primeira vez, entrar em um laboratório de pesquisa, obter informações sobre pesquisas na área de controle do mosquito *Aedes aegypti*, aprender todo o processo de limpeza da água dos esgotos e da separação do lixo. As saídas, conversas, vídeos e leituras de documentos referentes ao tema integraram a etapa de preparação para o debate entre estudantes, pesquisadores e especialistas, no início de novembro de 2018.

Para Maria Letícia Alves, 14, do 9º ano do CED 07, o que eles aprenderam vai além das arboviroses. “Eu gasto muita água e venho tentando diminuir ao máximo depois que entrei no projeto. Antes me falavam que era errado, mas ninguém nunca me disse o por-

quê, o Fórum me mostrou isso, então decidi mudar”, disse. A jovem disse também que começou a separar o lixo da maneira correta e que conhecer o impacto que as nossas ações causam, realmente muda as pessoas.

Ceilândia: da rica cultura e gastronomia à vulnerabilidade social

Ceilândia fica localizada a 35 km do Congresso Nacional - centro de Brasília. A região mais populosa do Distrito Federal, com mais de 490 mil habitantes, é conhecida pela gastronomia e cultura, com traços nordestinos, já que metade dos moradores - segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) - vieram daquela região. Apesar da rica cultura, a cidade apresenta uma enorme vulnerabilidade social e tem o maior número de beneficiários de programas sociais do DF.

A região administrativa surgiu para transferir os moradores de áreas invadidas ao redor de Brasília, o que refletiu também no nome, derivado da sigla CEI, de Campanha de Erradicação de Invasões. Ceilândia continua em expansão, ali está localizado o Sol Nascente, a segunda maior favela do país, com mais de 57 mil moradores, ficando atrás apenas da Rocinha, no Rio de Janeiro. Com o crescimento desordenado, surgem os problemas, como a violência e a falta de infraestrutura urbana. A grande reclamação dos moradores é o acúmulo de lixo nas ruas. Apesar de alguns locais receberem a coleta de resíduos semanalmente, com frequência terrenos vazios são ocupados por montanhas de resíduos e restos de materiais de construção, fator que aumenta os criadouros de mosquitos *Aedes Aegypti*.

Para a escolha da região da capital federal a receber o projeto, foi criado um comitê local formado por pesquisadores da Fiocruz, profissionais de saúde e de educação que integram equipes do Programa Saúde na Escola (PSE). A coordenadora do Fórum, Luciana Sepúlveda, conta que foram utilizados critérios epidemiológicos do PSE, como número de habitantes, desigualdade de renda e acesso a serviços. “As escolas que integram o projeto

ficam em locais bem diferentes dentro de Ceilândia, seja urbano, de assentamentos, rurais ou zonas que foram anexadas à região”, explica.

A questão do descarte inadequado do lixo foi levantada durante a etapa final da edição de 2018 do FCS, que abordou temas que trazem como consequências a degradação do meio ambiente e afetam a saúde da população: resíduos sólidos, crise hídrica e as arboviroses. Durante o debate, os jovens tiveram a oportunidade de refletir e se debruçarem sobre problemas encontrados na Ceilândia, buscando soluções para mudar a realidade da região, com ações que envolvem as escolas e a comunidade.

Várias propostas surgiram, como a redução do uso de canudo plástico nas escolas, orientação sobre coleta seletiva à população e capacitação de funcionários das escolas. As propostas foram apresentadas de diversas maneiras: entrevistas, teatro, poema, vídeos e textos, lembrando da responsabilidade de cada um com o planeta. Para Amanda Cavalcanti, 15 anos, do Instituto Federal de Ceilândia, os debates impactaram sua vida. “Muda a perspectiva da sociedade e do meu futuro. É uma oportunidade para pessoas de escolas públicas terem a chance de ter outra visão do mundo”, destacou.

A origem

O FCS teve início no Brasil em 2002, por meio de uma cooperação técnica e científica do Consulado Geral da França no Rio de Janeiro e o Museu da Vida da Fiocruz. O evento já era realizado na França pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e promovia o encontro entre jovens universitários e pesquisadores franceses. No Brasil, os debates ganharam novidades a cada edição, até chegar ao formato mais recente, realizado com estudantes de ensino fundamental e médio e com etapas de preparação, que consistem em visitas de campo e leitura de documentos.

Desde o início, o FCS foi construído com os professores para montar



► O Fórum aproxima atores que de fato não têm o hábito de se encontrar, comunidade acadêmica e de educação básica. Consegue introduzir nas escolas pautas que em geral não são discutidas, mobiliza a atenção dos jovens para a importância da ciência e da cultura

uma agenda de atividades educativas em preparação ao grande dia: o debate dos alunos com os pesquisadores. Segurança alimentar e nutricional, agroecologia, sustentabilidade e erradicação da miséria, água, energia, clima, ambiente, biodiversidade e juventude foram alguns temas das edições anteriores, sempre relacionados ao meio ambiente e saúde. O FCS foi reconhecido como uma tecnologia educacional pelo Ministério da Educação.

Desde 2004, o Programa de Educação Cultura e Saúde (Pecs) da Fiocruz Brasília conduz o projeto. Ao longo desses 15 anos, o projeto percorreu dois países, seis estados brasileiros e quatro regiões francesas. Em 2005, a Fiocruz realizou uma série de atividades em Paris em comemoração ao Ano do Brasil na França, entre elas a primeira edição internacional do Fórum, que levou 12 estudantes brasileiros para debater com alunos com alunos franceses sobre desenvolvimento sustentável, alimentação, saúde e biodiversidade. Para muitos, esta foi a primeira viagem de avião.

A última edição foi uma das tecnologias utilizadas no projeto *Inovação em educação e comunicação para a prevenção da zika e doenças correla-*

tas nos territórios, vencedor do edital de 2016 do CNPq/CAPES/DECIT do Ministério da Saúde. A pesquisa é coordenada pela presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, e desenvolvida por quatro unidades da Fiocruz: Fiocruz Brasília, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Museu da Vida e Canal Saúde, além do Observatório de Território Sustentáveis e Saudáveis de Paraty (RJ). Em 2018, o FCS foi realizado também em cinco escolas de três regiões do Rio de Janeiro: Manguinhos, Maricá e Paraty.

“O Fórum é uma tecnologia adaptável à resolução de problemas em contextos diferentes, o foco é na participação da comunidade com uma abordagem que não seja apenas no controle do vetor mas na reflexão sobre como a sociedade gera condições para que esse tipo de doença continue se proliferando de forma continuada”, afirmou Sepúlveda. A pesquisadora ressalta que é preciso observar as necessidades e problemas de cada território e as condições de vida que trazem maior vulnerabilidade das pessoas para as doenças transmitidas pelo *Aedes Aegypti*. “As consequências das doenças, condições de saúde anterior, complicações que o adoecimento pode cau-

sar e o acesso ao cuidado são vivenciadas de forma diferentes, de acordo com o território em que cada um está inserido”, completa.

Luciana elenca alguns dos resultados do Fórum ao longo dos anos: maior abertura das escolas para as comunidades, fortalecimento do protagonismo dos jovens, qualificação da educação científica comprometida com o contexto e a realidade dos territórios onde as escolas se inserem. Ela qualifica o projeto como uma prática de ciência cidadã, que possibilita aos educandos discutirem assuntos da ciência e trazerem elementos para trabalhar na perspectiva da iniciação científica de forma a se aproximar, discutir os impactos da ciência e refletir sobre a importância da ciência para a resolução de problemas.

“O Fórum aproxima atores que de fato não têm o hábito de se encontrar, comunidade acadêmica e de educação básica. Consegue introduzir nas escolas pautas que em geral não são discutidas, mobiliza a atenção dos jovens para a importância da ciência e da cultura e desperta interesse de alguns pela continuidade à sua formação, entrando em uma universidade”, conclui Luciana. 🌸